Seção I - Ensino de geografia: inquietações em torno da dimensão
teórico-prática
**Aplicação dos conceitos geográficos no ensino fundamental e
médio**

Gilmar Alves Trindade

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

TRINDADE, G.A. Aplicação dos conceitos geográficos no ensino fundamental e médio. In: TRINDADE, G.A., MOREIRA, G.L., ROCHA, L.B., RANGEL, M.C., and CHIAPETTI, R.J.N. *Geografia e ensino: dimensões teóricas e práticas para a sala de aula* [online]. Ilhéus: Editus, 2017, pp. 29-36. ISBN: 978-85-7455-526-3. <https://doi.org/10.7476/9788574555263.0003>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

APLICAÇÃO DOS CONCEITOS GEOGRÁFICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Gilmar Alves Trindade

Alguns jovens licenciados em Geografia, quando já exercendo a prática pedagógica, costumam reclamar da dificuldade em instrumentalizar os conceitos básicos em seus planos de ensino, especialmente no nível fundamental II. Podemos fazer alguns questionamentos e reflexões em torno desse problema, tais como:

1. Por que tanta dificuldade, se o mapa curricular da Licenciatura em Geografia contempla a disciplina Conceitos Básicos da Geografia, na qual, necessariamente, essa aplicação deve ser estimulada?
2. Por que esses professores, quando ainda graduandos, no período do estágio em ensino fundamental e médio não levam essas dificuldades para serem trabalhadas em sala de aula, na universidade, com seus professores de Estágio Curricular?
3. O que justificaria essa dificuldade, posto que, ao longo dos 4,5 anos de estudos no curso de Licenciatura em Geografia, diferentes disciplinas devem abordar essa articulação entre os conceitos básicos e sua instrumentalização na educação básica?
4. Essas abordagens estão de fato sendo realizadas no interior das diferentes disciplinas do curso de Geografia, ou apenas naquela denominada Conceitos Básicos?

Devemos refletir sobre o tipo de profissional em Geografia que somos e o tipo de profissional em Geografia que estamos colocando no mercado de trabalho, especificamente na área de ensino na educação básica. Ao mesmo tempo, precisamos inserir essas inquietações no bojo da educação brasileira na sua totalidade, pois, os últimos indicadores que avaliam o

nível dos egressos no ensino médio apontam fortes deficiências quanto às noções elementares da Matemática e graves problemas relacionados à aprendizagem da Língua Portuguesa, principalmente quanto à leitura, interpretação e escrita de textos. Defasagens essas que irão comprometer profundamente o nível de aprendizagem e a qualidade do ensino nos diferentes cursos no nível superior, inclusive os de formação de professores.

A área da Geografia, no ensino superior, exige algumas competências ou pré-requisitos dos alunos que ingressam neste curso, como noções básicas de matemática, alfabetização cartográfica e geográfica, noções essenciais para manuseio de computadores e noções básicas de inglês; além, evidentemente, de saber ler, interpretar e escrever textos em língua portuguesa. Assim, o questionamento fundante de todos os outros passa a ser: esses alunos, ingressos recentemente no curso de Geografia, quando iniciam seus estudos no primeiro semestre trazem do ensino médio essas competências?

Dessa maneira, vê-se que os problemas que os professores egressos da universidade encontram quando assumem suas salas de aula têm raízes bastante profundas, complexas e de difícil solução; pois, estão relacionados ao contexto atual da educação pública brasileira e às decisões políticas que, apesar de estarem garantindo o acesso amplo dos jovens à educação básica, não têm promovido ações concretas que levem à melhoria do nível do ensino e da aprendizagem desses alunos. Isso está sendo percebido de forma contundente na universidade.

Acontece que os jovens egressos do ensino médio estão sendo aprovados nos cursos superiores em diferentes áreas, mesmo com todas aquelas dificuldades apontadas anteriormente. Os responsáveis pelas atuais políticas educacionais que instituíram o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o Sistema de Seleção Unificado (SISU) e a política de cotas raciais não estão conseguindo detectar essas deficiências – e, provavelmente, para o Estado, não seja mesmo conveniente fazê-lo – caso contrário, parte significativa dos alunos, hoje matriculados no curso superior, seria reprovada.

Voltemos agora à problemática que me levou à reflexão inicial, qual seja: muitos dos professores da disciplina Geografia no ensino fundamental II – e, certamente, no ensino médio também – estão encontrando dificuldades em fazer uso dos conceitos básicos da Geografia nos planos de ensino da disciplina.

Em primeiro lugar é preciso lembrar que não se ensinam os conceitos básicos (espaço, lugar, paisagem, região e território) em sala de aula, mas, sim, instrumentalizam-se esses conceitos associados a diferentes conteúdos que serão estudados naquele curso, naquela unidade ou naquela aula. Portanto, não se ensinam os conceitos, mas, com os conceitos.

A preocupação com a dimensão teórico-conceitual na representação do que de fato existe na realidade se explica pela necessidade de se aproximar ao máximo dessa realidade que os conceitos buscam explicar, pois:

Qualquer conceito reflete aquilo que é essencial, os aspectos essenciais, as relações essenciais, enfim, a essência do objeto, fenômeno ou processo. Portanto, a construção de um conceito exige um exercício de captura do que é essencial para sua formulação e, nesse sentido, reflete um certo grau de generalização. Assim, o conceito é sempre uma simplificação do real e ao mesmo tempo uma generalização deste (LENCIONI, 2011, p. 81-82).

Portanto, como representação do real que se transforma continuamente, o conceito nos ajuda a compreender, a assimilar a realidade ou um fenômeno qualquer. No caso da Geografia, os conceitos devem nos aproximar ao máximo das relações socioespaciais que concretamente coexistem ao longo do processo dinâmico, complexo, contraditório e contínuo de produção do espaço geográfico. Os conceitos são formulados para explicar fenômenos e situações que existem, de fato, na realidade. O uso dos conceitos, de forma contextualizada, dá mais clareza àquilo que se pretende explicar. A instrumentalização de conceitos e categorias científicas é imprescindível na construção do conhecimento nas diferentes áreas. Por isso existe nos mapas curriculares de diferentes cursos um espaço indispensável para as disciplinas vinculadas às questões epistemológicas (TRINDADE, 2010).

Assim, um professor de Geografia no ensino fundamental II deve levar seu aluno a compreender, ainda que gradativa e simplificada, como se dá o processo de produção do espaço, quais interações envolvem, quais agentes participam e em quais escalas; e, ainda, como ele, aluno, participa ou se relaciona com esse processo. Nesse sentido, os conceitos de espaço, lugar, território, paisagem e região ajudam no processo de ensino/aprendizagem dessas relações socioespaciais.

Acredito que um exemplo ilustrativo de um estudo de questões do lugar e da região, através da paisagem urbana e no âmbito do processo de produção do espaço baiano pode ajudar a esclarecer o que essa minha discussão encerra.

O Recôncavo Baiano é uma região com identidade bastante expressiva¹, construída ao longo do processo de ocupação e formação dos territórios

¹ Ainda que essa identidade tenha sido construída ao longo do tempo como resultado de dissensos entre o colonizador português, os negros trazidos da África para o trabalho forçado e os indígenas, habitantes nativos desse território.

baiano e brasileiro. Inserida como área de expansão dos interesses colonialistas de Portugal no território brasileiro a partir do século XVI, a região se desenvolve economicamente voltada para a produção e exportação de cana-de-açúcar para a metrópole portuguesa, entre os séculos XVII e XVIII; posteriormente, após o declínio da atividade canavieira, acontece também a exploração do fumo no século XIX.

O trabalho na lavoura da cana-de-açúcar envolveu mão de obra majoritariamente escrava africana, o que explica, atualmente, o grande contingente de população negra nos municípios da região. Essa concentração de atividades produtivas no período colonial e a proximidade geográfica com a capital da colônia, Salvador, estimularam a urbanização e a instalação de fixos, como porto e estrada de ferro, que construíram a rede de fluxos regionais do Recôncavo Baiano. Nesse contexto histórico-geográfico, aglomerados populacionais surgiram e se desenvolveram, dando assim origem ao processo de formação de uma rede urbana em que se destacaram cidades como Nazaré, Santo Amaro, Cachoeira e São Félix (FIGURA 1).

FIGURA 1 – Paisagem da cidade de São Félix, às margens do rio Paraguaçu

Fonte: Gilmar Alves Trindade, 2014.

Assim, observam-se nesta paisagem de São Félix elementos naturais (o rio, a vegetação, o relevo) e objetos culturais (as casas, as embarcações, uma cruz). A paisagem é um dos conceitos mais importantes da Geografia, resguardadas temporalidades e espacialidades diversas. A paisagem não é estática, imóvel, como nos ensinou Santos (1996); ela é feita também de cores, sons, odores e atende ao movimento da sociedade ao longo do processo de produção do espaço; ou seja, a sociedade transforma continuamente o espaço e as marcas desse processo ininterrupto ficam registradas na paisagem; ela resguarda, assim, elementos do passado e do presente, e já denuncia as possíveis mudanças rumo a um futuro próximo – o dia seguinte; ou distante – daqui a meses, anos, décadas. A montagem dos equipamentos e adereços para a festa de São João prenuncia o movimento frenético e os densos fluxos que acontecerão naquele espaço dentro de alguns dias (FIGURAS 2 E 3). A paisagem pode revelar o que está por vir.

FIGURA 2 – Montagem da estrutura para a festa de São João em Cachoeira, Bahia

Fonte: Gilmar Alves Trindade, 2014.

FIGURA 3 – Fluxo de pessoas no dia de São João, em Cachoeira, Bahia

Fonte: Gilmar Alves Trindade, 2014.

Um professor de Geografia no ensino fundamental pode perfeitamente iniciar os estudos com seus alunos, questionando o que existe por trás da paisagem, o que está subjacente a ela, o que explica, afinal, essa paisagem da FIGURA 1? Como se constituiu? Quando se iniciou a transformação da paisagem natural em paisagem geográfica, humanizada, cultural? Quais agentes e ações estão envolvidas nesse processo? O que fez surgir a cidade de São Félix? Quais redes e fluxos existiram no período colonial? Para quê? Desapareceram? Transformaram-se? O lugar ainda guarda elementos do período colonial? Quais? Como se articulam com o tempo presente? O que aquela cruz ao alto, na paisagem, representa? Qual a função do rio Paraguaçu no período colonial? Qual a sua função, atualmente? Como a cidade e o município de São Félix se inserem na região do Recôncavo Sul, no estado da Bahia, no Brasil? Quais articulações o lugar estabelece com o mundo? Qual lugar o aluno ocupa nessa paisagem, onde mora, quais caminhos percorre?

Entendo que um professor de Geografia no ensino fundamental ou médio tem a seu alcance inúmeras possibilidades de estimular a construção do conhecimento de seus alunos. Através de um recorte da paisagem

do lugar onde a escola funciona o professor pode criar diversas metodologias para o estudo desse lugar com as interações temporais e espaciais que o mesmo resguarda. No âmbito desses estudos que se estendem por meses (um ano letivo) ou por anos (do 6º ao 9º ano), o aluno vai, gradativamente, construindo e ampliando seu conhecimento via mediação do professor; o aluno começa fazendo uso de termos do senso comum e vai, aos poucos, sendo apresentado ao conhecimento científico. É nesse momento que ele passa a compreender o sentido dos conceitos: quando faz uso de um conceito como lugar ou região para expressar concretamente algo que aprendeu em sala de aula e em sua vida cotidiana.

Lugar, território, paisagem e região vão, aos poucos, deixando de ser meras abstrações em seu pensamento, e o aluno passa a compreender o que, de fato, quer expressar quando utiliza um desses conceitos; porque, enfim, o conceito passou a representar de forma mais aproximada o que ele efetivamente experiencia em seu cotidiano, em sua vida. A Geografia, assim, passa a ter sentido no currículo escolar e na vida dos alunos.

O exemplo ilustrativo que dei fazendo uso de uma paisagem da cidade de São Félix pode ser adaptado para qualquer outra cidade ou lugar. Os conceitos foram utilizados para indicar a possibilidade de produção de metodologias e recursos didático-pedagógicos no ensino de Geografia. O professor não precisa, *a priori*, solicitar aos alunos que definam o que é uma paisagem ou um território e cobrar isso em uma avaliação. A compreensão acerca dos significados dos conceitos – porque existem vários para cada conceito – emergirão ao longo do processo de ensino/aprendizagem em uma turma que esteja trabalhando com a disciplina Geografia. A função do professor é intermediar esse processo e propor atividades e questionamentos significativos que ajudem os alunos a apreenderem conteúdos geográficos com uso dos conceitos.

Entretanto, antes disso, o próprio professor de Geografia é quem precisa ter uma consistência de conhecimentos geográficos – inclusive conceituais –, domínio de conteúdos, articulação teoria/prática e autonomia intelectual que lhe credenciem a formular planos de estudo e metodologias de fato significativas, que auxiliem os alunos a compreenderem a importância dos estudos dessa disciplina e seu sentido no currículo escolar e em suas próprias vidas.

Entendo, finalmente, que antes de o professor de Geografia estimular a demanda de habilidades e competências de seus alunos neste campo disciplinar, precisa, ele próprio, ampliar e consolidar as suas próprias competências. Isso se dá ao longo de seu processo de formação como licenciando em Geografia, na universidade, e se consolida ao longo do tempo, na esfera do trabalho e da vida, pois, um professor, em qualquer nível de ensino, jamais deixa de estudar, jamais abandona seu espírito inquieto de pesquisador.

REFERÊNCIAS

LENCIONI, S. Algumas observações sobre a construção de conceitos e os conceitos de cidade e urbano. In: SAQUET, M. A. et. al. (org.). **Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011. p. 79-98.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

TRINDADE, G. Tendência(s) das monografias do curso de Licenciatura em Geografia. **Revista R'AECA**, Curitiba, n. 20, p. 143-156, 2010.